

A SÉ D'AMIENS.

É ESTE um dos mais formosos e notaveis monumentos religiosos da França. — Eis-aqui como a seu respeito se explica Mr. Olivier de S.^t Albin : — « Quem

admirar os mimosos lavores arrendados da cantaria, e os frisos gigantes, que sobresahem na denegrida cōr d'essas paredes antigas ; quem contemplar essas

VOL. V. ABRIL 3. — 1841.

agulhas de marmore, altas e delgadas, que parece rompem pelo azul do céu, poderá imaginar que aprovare ao genio dos prístinos tempos cercar a basilica com os magicos encantos das fadas e derramar por ella as doçuras de remotas recordações. Por vezes a ave carpídora, habitante perpetua dos torreões, pousa immovel sobre uma columna, e figura mais uma estatua que os séculos accrescentaram ao monumento. As pilastres *aerias*, que sustentam abobadas, que ainda mais suspensas no ar parecem, a torrinha por entre cujos lavores se descobre a claridade e por onde brincam os ventos, a infinitade de galerias, que reciprocamente se cruzam levantadas ao ar, inspiram graciosos pensamentos repassados de sua vida. De estatuas colossaes de monarcas se adorna o sombrio frontispicio, a que servem de porticos duas soberbas torres: a seus pés erguem-se tres alpendres magestosos, por onde a architectura espalhou as graças de seus ornatos, representando um sem numero de scenas, criação extravagante do genio dos antepassados, que com as mais sagradas ceremonias misturavam os quadros prophanos, que lhes lembravam no delirio de sua viva imaginação. Columnas espiraes com sua folhagem d'acantho, estatuas pardacentas, esquecidas pelas revoluções, enfeitam o atrio do templo. Mas quando, entradas as portas, a vista se alonga pela immensidão da cathedral, e os sons maviosos do orgam quebram o silencio, reboando pelas abobadas escuras, sobe de ponto a admiração, o extase. Essa nave tão vasta, da altura prodigiosa de 130 pés, que as idades anteriores viram com assombro, ainda é em nossos dias admiravel pela desaffrontada e audaz projecção dos cimbres e de todo o arqueamento, conciliando-se nesta obra a singeleza e a magestade. É tudo harmonioso e suave na elegante fabrica das galerias de engracadas curvas, como nas esbeltas columnas... &c." — Prosegue o citado escriptor descrevendo as bellezas e memorias historicas da sé d'Amiens; e conclue o seu artigo da maneira seguinte. — "Quem folgar de se embeber na contemplação dos tempos antigos, quando ao declinar da tarde, a luz transparecendo pelas frestas gothicás cobre de melancolia indizivel todos os objectos, confundindo as cores; quando os vultos das columnas se escondem nas sombras, quebrantando a calada solidão apenas a voz do sagrado levita, que psalmeia; achará que o genio da antiguidade o bafejou com o sopro e perfume de poeticas e santas meditações: porque um nobre e sublime pensamento presidiu á erecção dessa obra immensa, e essas altas e delgadas torres, essas agulhas de pedra tão leves á vista, são como outras tantas escadas por onde a alma se avisinha ao limiar da eterna morada. — Porem quando em nossos tempos uma cidade, em que as artes se cultivam, vê erguer no seu recinto templos com as fórmas da antiguidade pagã, com tectos chatos, columnas pesadas e maciças, a alma naquellas galerias acanhadas sente a falta d'ar e de espaço para tomar vôo e remontar-se ao céu.

A PROBIDADE.

(Fragmento de uma discussão moral.)

.... Exigir a razão porque vos ensinam a ser probos é querer que vos digam porque vos ensinam a ser felizes... bem vedes, amigos meus, pela historia dos antigos tempos, elevar-se a sociedade humana a maior grau de felicidade na proporção que medrava em virtude.

— Nesta phrase suspendeu Giraldo o seu discurso.

Fôra ouvido com respeitoso silencio, e, quando deixou de fallar parecia, a qualquer dos assistentes, transportado á sublime região das idéas por elle expostas, que ainda o estava escutando.

Passados alguns instantes de mudez, começou de todos os lados o borborinho das conversações particulares, como succede em grande assemblea, commovida por alguma oração interessante, em que todos os ouvintes sentem a necessidade de comunicar uns aos outros as varias impressões suscitadas pelas palavras do orador. Todavia, em meio do geral assentimento do auditorio de Giraldo, um artista ancião, por nome João Baptista, dava mostras de ter que oppôr alguma objecção ou que pedir alguma explicação: receava porem fallar, para que lhe não chamassem pertinaz e presumptoso. Giraldo, que o percebeu, se dirigiu para elle da maneira seguinte: — Mestre Baptista, parece que tendes a dizer alguma cousa: se assim é não hajais medo: se a prática entre nós for seguida de boa fé reciprocamente nos instruiremos. — A estas palavras os circumstantes fizeram roda mais apertada e nas physionomias se divisava notável curiosidade; e logo se travou o dialogo, que vamos trasladar. —

Baptista. — Tudo o que nos dissetes, senhor Giraldo, me fez muita impressão; bem percebo, segundo o vosso arrasoado, o como a especie humana lucra no seguir a decencia e probidade. Mas, olhando para o que vai pelo mundo, não descubriremos apparencias de que, sendo a probidade proveitosa para a sociedade em commun, será mais util aos particulares a má fé?

Giraldo. — O mestre Baptista entra profundamente no assumpto; preparamo-nos portanto para um debate arduo e custoso de sustentar. Disponhamos as faculdades do nosso entendimento, como os lutadores vigorosos se dispõem antes de entrarem na liga. — Appresentou-se-nos um principio geral: vejamos primeiro se elle é exacto, e para isso, mestre Baptista, dai-me o gosto de responder ás perguntas que vou fazer-vos. — De que se compõe um regimento? —

Bapt. — D'uma grande quantidade de soldados, commandados por officiaes de diferentes graduações.

Gir. — Muito bem; supponhamos que encontro um regimento a marchar por territorio que lhe é desconhecido e seguindo uma estrada que o vai lançar no meio do exercito inimigo. Eu, que conheço o perigo daquella gente, ainda que não pertença ao mesmo corpo, chego-me ao coronel e resolvo-o a tomar outro mais seguro; pergunto, a quem fiz eu este beneficio?

Bapt. — Ao regimento.

Gir. — Logo, tambem fiz o mesmo beneficio aos officiaes.

Bapt. — Não ha duvida, porque são membros da mesma corporação, e de mais a mais encarregados de governar os outros.

Gir. — Mas fui de igual modo util aos soldados; nem podia ser outra a minha intenção.

Bapt. — De boamente concordo.

Gir. — E se eu algum dia me achar na necessidade de pedir socorro a qualquer official ou soldado do dito corpo, não terei um direito especial a que me auxiliem?

Bapt. — Quem dirá que não? — Todos elles estão obrigados a valer-vos.

Gir. — Mas, porque motivo? — Porventura fui eu util a cada official, a cada soldado em particular?

Bapt. — Certamente que sim, porque salvastes todo o regimento.

Gir. — Portanto, salvando o regimento beneficieei cada um dos homens que o compunham. Por vossa

bocca o acabais de dizer, mestre Baptista; e ha poucos minutos não querieis que o que é útil para a especie humana em geral o fosse tambem para cada um dos individuos, que a constituem? Vêde como cabis em flagrante inconsequencia: o vosso princípio não é exacto.

Bapt. — Confesso que tendes razão, em virtude do vosso raciocinio: mas preciso ainda d'explicação, se não para me convencer, por não ser necessário maior esforço, ao menos para mais facil comprehensão minha. — Muito bem sabereis a divina sentença que diz: — os bons são opprimidos na terra, e os máus triumpham; mas na outra vida cada um será julgado e recompensado segundo suas obras. — Ora, parece-me que esta sentença não concorda com a conclusão do nosso argumento.

Gir. — O amigo Baptista não larga a preza facilmente, e faz nisso muito bem. Apellou para a vida futura: vamos a tratar este ponto com rigor e dedução de raciocinios, porque a questão é delicada e difícil. — Sustento, pela minha parte, a influencia da probidade sobre a felicidade do homem neste mundo; argumentaram-me em contrario com os quotidianos exemplos em que vemos o vicio opprimir a virtude. Entremos na materia. — Se apparecesse um homem mau, que quizesse causar graves danos a qualquer dos que nos achámos aqui, a Baptista por exemplo, não lhe faltariam meios de levar a cabo, talvez impunemente, seus ruins intentos: poderia attacar o nosso amigo directamente na sua pessoa ou na sua propriedade, devastar-lhe as seáras e plantios, roubar-lhe o peculio que com as economias tem juntado, ou enfim esperá-lo no matto para lhe dar a morte á traição. Supponhamos que o malfeitor cumpria seus planos a salvo; o nosso amigo era com effeito victimo, e na verdade muito digna de commiseração: notai porem a diferença entre elle e o criminoso! Baptista teria succumbido a um desses milhares d'accidentes, que constantemente cercam e salteam a condição humana; podia uma tempestade ter-lhe arrasado as seáras, podia ter arriscado e perdido o seu dinheiro n'uma empresa mal sucedida; a final, podia morrer em resultado de molestia adquirida nos campos na estação invernosa, ou por qualquer imprevisto acontecimento: mas ao menos até o momento do desastre gosou dos fructos da sua probidade, foi amado e respeitado de todos os que o conheciam; e depois da desgraça, se fica vivo, acha-se em estado favoravel para a reparar; porque a sociedade se compadece delle sinceramente. Pelo contrario o malvado tem a sociedade por inimiga; é elle só contra todos; vê-se constrangido a fugir e esconder-se, como a caça bravia accossada pelos manteiros; e quando [o que raras vezes sucede] não é colhido ás mãos da justiça, os sustos, as fadigas, as perplexidades sem conto, que soffre para evitar a vingança dos homens, não geram já só por si um terrivel castigo? — Não ignoro que ha casos, em que o homem iniquo e de má fé se vê em certo modo sustentado pela ordem social na posse do fructo da sua iniquidade, como, por exemplo, tendo ganho um processo injusto. Não são infalliveis os juizes humanos, e nesse caso o homem de bem padece pela imperfeição da natureza humana, como por todos os mais accidentes de que ainda ha pouco falei. Mas não deixa de ser verdade que, se os juizes podem enganar-se, a equidade natural os guia de ordinario; e que a condição mais favoravel para obter justiça é o ter razão na causa.

A força do homem de bem na sociedade é a estima e a approvação que fazem delle os seus similhan tes: o mau pôde tambem procurar roubar-lhe esta

justa recompensa da probidade, espalhando caluniosos boatos para lhe arruinar o credito: mas é manifesto que quanto mais geralmente este fôr attestado pelas suas acções precedentes, tanto mais poderá arrostar-se com os ataques da maledicencia, e dizer ao publico com justificado orgulho: «consultai, examinai os actos de toda a minha vida, e julgai-me.» —

Por todas estas razões assevero que o desempenho das nossas obrigações civis, moraes e religiosas é a cidadella mais inexpugnável em que nos podemos fazer fortes contra as aggressões dos malvados; e que todas as vantagens provaveis na luta são naturalmente pela parte do homem honrado. —

Parou Giraldo por algum espaço, e logo depois acrescentou: — Estou certo que o nosso infatigavel Baptista ainda não está satisfeito, e tem que pedir novas explicações.

Bapt. — Começam a elucidar-se as dificuldades, que ainda ha pouco me embaraçavam; mas já que tivestes a bondade de m'o perguntar, confessarei que não estão removidas todas as minhas duvidas. Se, como affirmais, a probidade de cada homem em particular contribue para a sua ventura na terra, donde provem que, independentemente de toda a idéa de luta entre o justo e o iniquo, vemos tantas pessoas de bem em penuria, e tantos velhacos nadando em dinheiro?

Gir. — Essa dificuldade, mestre Baptista, não é menos importante que a antecedente; precisâmos da maior clareza e possivel exacção para a resolver-mos. — Meu amigo, um dos motivos, que devem inspirar em nossas almas profundamente a crença da vida futura, é essa mesma desigualdade das condições humanas, que tão incomprehensivel parece á nossa razão. Porque nasce tal homem no regaço das commodidades, e outro tal nasce em miseraveis circumstancias! Certo que anda nisto grande mysterio, de que só a Fé nos pôde dar solução. Não nos cumpre sonhar o que a Providencia quiz occultar á percepção dos nossos sentidos physicos: portanto sem entrarmos no que se poderia dizer segundo as noções naturaes que temos ácerca da essencia da Divindade, vamos ao principal do nosso assumpto, isto é, explicar como aceita a desigualdade de condições, como uma das leis immutaveis da disposição do universo, a probidade da pessoa influe grandemente na porção de felicidade, ou fortuna, que lhe é possivel accumular nesta vida.

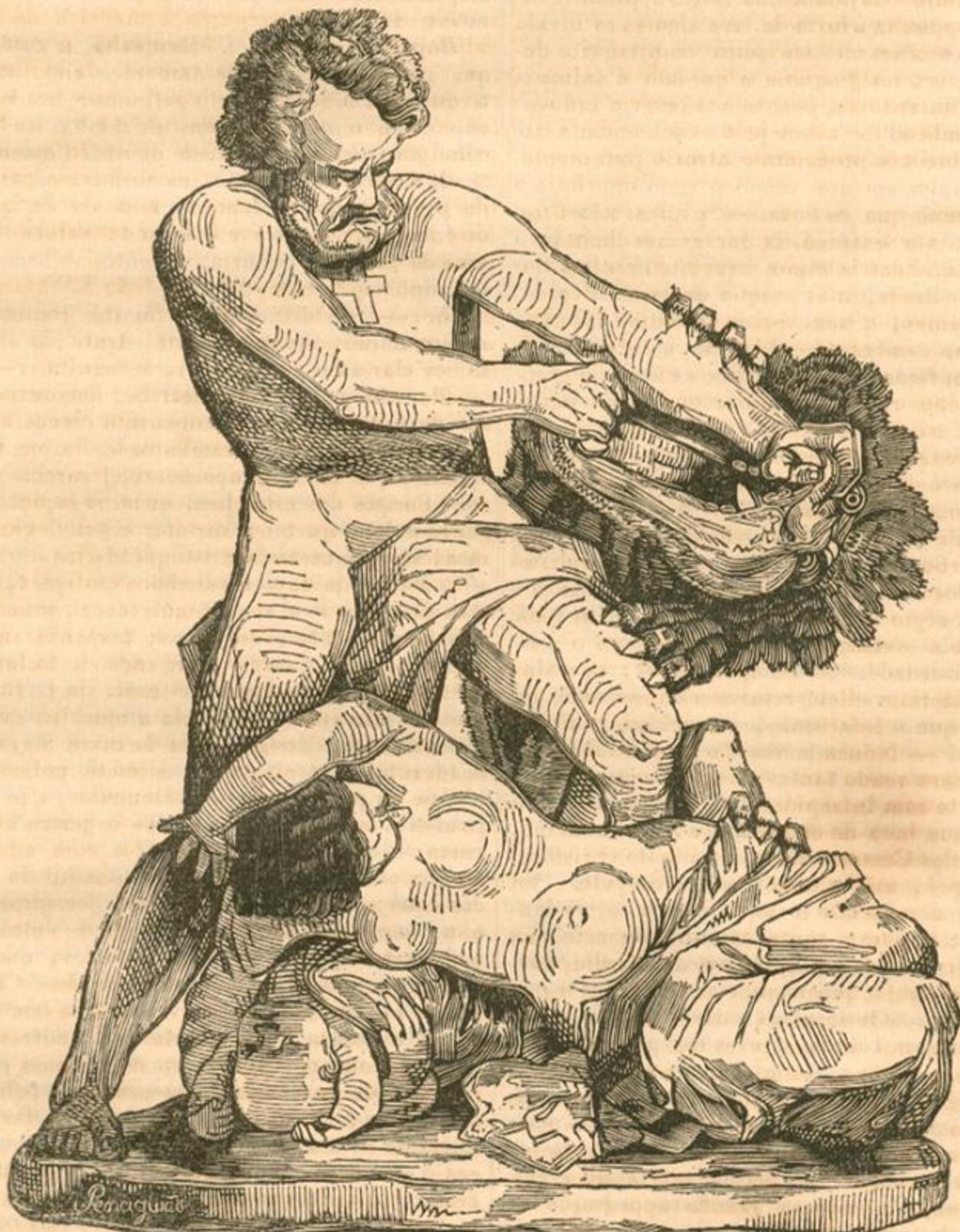
Supponhamos que dois homens sahiram da mesma condição: o primeiro é honrado, o segundo não o é tanto; todavia este ultimo tem adquirido mais bens e vantagens? — Ora eis-aqui a minha opinião a este respeito. — A primeira condição da nossa existencia no mundo é a actividade das nossas faculdades. Na presença dos infinitos obstaculos, que o cercam, o homem recebeu uma força, um poder interior de que deve usar, se os quizer vencer. Precisa de regar a terra com suor para obter alimentos, de guerrear os animaes, de inventar as artes mechanicas &c. &c. — Quantas forças se empregam para satisfazer só a duas imperiosas precisões, o sustento e o vestuario, sem fallar-mos em outras commodidades e precisões!.. E quando o homem trabalhar só physicamente, nada ou mui pouco terá feito: á vista de todas as castas de destruição, que ameaçam sua pessoa ou os fructos do seu trabalho, carece da reflexão para prevêr aquillo de que se recêa, da circumspecção para o evitar, e de agudeza e habilidade para livrar-se d'estorvos e dificuldades, se nellas se deixou enlear: alem disso vive em meio dos seus similhan tes, que todos, directa ou indirectamente, tem

acção sobre a sua existencia; e obra reciprocamente sobre elles pelo ascendente derivado da vontade, do dom d'insinuação, do vigor da intelligencia. Tudo isto constitue as diferentes forças vivas que impellem o homem para a actividade e para o alvo desta, que é a posse das cousas necessarias e commodas.

Ora pôde acontecer que o homem probo, satisfazendo á primeira lei do ente moral, se descuide a respeito daquella imperiosa condição da existencia: isto é, haverá probidade, observante a mais escrupulosa de direitos estranhos, que seja inactiva a seu proprio respeito, apesar do natural estímulo de trabalhar para possuir: pôde tambem a probidade achar-

se junta a certos defeitos, directamente adversos ao fim da sociedade; por exemplo, ao orgulho, que deixa o individuo desacompanhado das outras pessoas; á nímia austeridade, que faz com que os outros o temam: em fim o homem probo pôde ser desituido d'intelligencia e habilidade.

Concluâmos portanto que é summamente difícil appreciar os actos da vida de qualquer homem em relação aos da vida de outro, porque existem sempre milhares de circumstancias, que só Deus pôde conhecer e julgar, e de que necessariamente hade um dia tomar conta.—....



OS CHRISTÃOS LANÇADOS ÁS FERAS.

QUATORZE grandes perseguições sofreu a igreja christã, ou, segundo a expressão poetica de Mr. de Chateaubriand, quatorze grandes batalhas se deram a prô do christianismo, em tempo dos imperadores romanos, autores da idolatria, e cada uma delas foi

uma victoria: quantos mais militantes o christianismo perdia, tanto mais se reforçava e aumentava em poder; porque o martyrio dos fieis foi o meio mais energico do triumpho e propagação da religião christã. — Verdade é que a igreja numéra viu te-

seis perseguições; porém só as decretadas pelos imperadores tiveram o carácter de proscrição geral; promulgava-se um edicto, datado em Roma, para o exterminio dos christãos, e executava-se nas tres partes do mundo então conhecido. É doloroso, mas sublime, o espectaculo que offerecem os successos dessa prolongada luta entre o paganismo, para descarrigar o golpe, revestido de todos os poderes materiaes do homem, e o christianismo, para resistir, armado só da fé viva e profunda: o paganismo enfurecido pela inutilidade de seus esforços na repressão da nova crença, esgotou, com ferocidade engenhosa, similhante á dos barbaros do sertão americano, todos os meios de atormentar para amplificar a pena de morte, combinada por infinitude de modos: o ferro, o fogo, a fome, os dentes e garras dos animaes ferozes lhe subministraram espantosos supplicios: o christianismo oppunha á furia de seus algozes as inexgotaveis forças moraes e os inexplicaveis prodigios de valor, constancia, resignação e serenidade d'animo: levou a palma da victoria, porque sua origem era celeste, mas tambem lhe cabia pela superioridade da força moral sobre um predominio atroz e puramente material.

Ha quem pense que os romanos pagãos não fizem tão pertinaz e desapiedada guerra aos christãos, só por affinco á idolatria e por crerem sinceramente em seus falsos numes, mas porque estavam depravados em costumes, e tomavam pelo maior divertimento o odioso combate de gladiadores entre si, e de homens com feras, fazendo gala de scenas sanguinosas: a nascente religião veio dar pasto ás sevicias daquelle povo cruel por habito, entulhando ainda mais os theatros das carnificinas. Tome cada um como quizer esta opinião; mas ouçamos o que diz o citado Sr. visconde de Chateaubriand. — « Não existia já essa progenie de Brutus que amaldiçoava Pompeu o magno, porque fizera combater pacificos elephantes! Em seu logar existiam homens embrutecidos pela escravidão, cégos pela idolatria, e em quem toda a humanidade se extinguíra juntamente com o sentimento da liberdade. » — E com effeito, se assim não fosse, poderiam elles permanecer insensiveis ás sympathias, que o infortunio, a mocidade e a virtude excitam? — Nunca a voz da piedade lhes desarmaria a colera vendo tantas victimas generosas confrontar a morte com intrepidez?... Comtudo chegou n'uma vez a sua hora de clemencia ao povo romano, escravizado pelos Cesares: certa familia de christãos, composta de pai, mãi e uma creança de peito, foi condemnada, dominando o impio Nero, a ser lançada ás feras: largaram contra elles um enorme leão no meio do circo; mas o pai, cabeça da familia, derribou o furioso bruto, separou-lhe as queixadas e rasgou-lhe as fauces. Os romanos, incapazes de sentir a sublimidade moral dos martyres que morriam pela fé com animo sereno, admiraram aquelle triunfo da energia e força material, levantaram-se com acclamações e foi salva a familia proscripta. — Esta passagem forneceu a Mr. Maindron o assumpto para um grupo modelado em gesso, que a nossa grava representava, e mereceu grande approvação na exposição da industria francesa no anno de 1836.

A CAPELLA REAL DE D. JOÃO 5.^º

Nos Paços, chamados da Ribeira, que elrei D. Manuel edificára no terreiro do Paço, se comprehendia a real capella, primitivamente dedicada ao Apostolo S. Thomé, protector da India; mas, por estar no pavimento baixo, Philippe 3.^º de Castella a re-

moveu para o andar de cima, ou para melhor dizer foi o marquez de Alemquer, vice-rei de Portugal, quem em 1619 fez essa obra. Todos os nossos monarcas se esmeraram no adorno e riqueza da sua capella, porém nenhum como o grandioso D. João 5.^º, alcançando-lhe dos summos pontífices singulares prerrogativas, e dotando-a com rendas copiosas. Primeiramente obteve de Clemente 11.^º a bullia aurea, que começa: *In supremo Apostolatus solio*, expedida aos 7 de Novembro de 1716, pela qual foi exaltada a collegiada de S. Thomé a sé metropolitana e patriarchal, com a invocação de N.^a Sr.^a da Assumpção, dividindo-se a cidade e o arcebispado de Lisboa em duas partes, ficando na basilica de Santa Maria ou parte oriental um arcebispo e na occidental um patriarcha (1) que reunia a dignidade de capellão-mor: alcançou mais para este prelado o poder andar vestido de habito purpureo á maneira do arcebispo Salisburgense, primaz d'Allemanha, e gozar as honras, preeminencias e tratamento de cardeal; e para que esta dignidade se continuasse nos sucessores fez com que o papa Clemente 12.^º, na bullia que principia: *Inter praecepias apostolici ministerii*, de 27 de Dezembro de 1737 estabelecesse para sempre que o patriarcha de Lisboa, uma vez declarado tal, fosse logo declarado cardeal no consistorio imediatamente seguinte.

A opulencia com que D. João 5.^º aformoseou e enriqueceu aquelle templo foi tal que obrigou um escriptor estrangeiro a dizer, tratando da capella do rei das duas Sicilias (2), o seguinte: — « que a capella real ou igreja patriarchal lisbonense, em razão da summa e quasi unica munificencia e piedade de D. João 5.^º, a nenhuma cedia em todo o orbe christão, quer em o numero, jerarchia e pingues rendimentos dos ministros, quer no esplendor do sagrado culto, quer nos direitos e privilegios. » — Para exemplo citaremos a banqueta rica.

Constava de nove riquissimos castiæs, e de uma cruz de precioso e aprimorado lavor, mandada fazer á Italia em 1732, em que se despenderam mais de trezentos mil cruzados, segundo o testemunho do P.^º Castro, que em seu 3.^º tom. [pag. 187 da ediç. em 4.^º] diz assim. — « Toda a machina de prata excellentemente dourada, que formava a grande cruz, se levantava na altura de dezesete palmos desde a planta do pé de figura quadrangular, que tinha tres palmos e meio de diâmetro. » — e pouco abaixo continua: — « Viam-se distribuidos com admiravel simetria pelas bases e balaustres, assim da cruz como dos castiæs, muitos symbolos, jerogliphicos e genios, querubins e estatuas, umas de vulto outras de meio relevo, com diferentes acções, que alludiam com propriedade aos mysterios de Jesu-Christo e de Maria Santissima; outros caracterisavam a magnificencia da santa igreja patriarchal, outros o imperio da magestade portugueza no reino e suas conquistas; porém tudo guarnecido eom muitos e polidos festões da mesma prata dourada, com muitas tarjas e quartellas de perfeittissimo lapislazuli, com muitos engracados esmaltes, e embutidos de epigraphes, de pedras, e diamantes preciosissimos. — Esta cruz e estes castiæs, como tão singulares, estavam destinados para ornar a banqueta do altar da capella-mor desta santa igreja, somente nas funcções regias de casamentos, baptismos e acclamações de nossos principes, ou em outros quaesquer dias que o rei deter-

(1) Uniram-se depois as duas dioceses, permanecendo só a patriarchal, por constituição do pontífice Bento 14.^º, passada em 13 de Dezembro de 1740, que começa: *Salvatoris nostri.*

(2) Caraça: *de capella regis utriusque Siciliae.*

minasse. — Porem estas e outras innumeraveis preciosidades, lastimosamente se perderam com o infame terremoto e subsequente incendio, no 1.^o de Novembro de 1755.

AMBIÇÃO.

SE indagar-mos as causas dos movimentos que agitam o mundo, examinando com attenção o procedimento do homem: — se procurar-mos a origem da força e energia que este muitas vezes desenvolve, facilmente nos convenceremos de que a ambição é a paixão que mais o domina e subjuga, e que o obriga a commetter mais desatinos e imprudencias. Também esta analyse nos mostrará claramente, que quanto mais poderoso e mais robusto de constituição fôr o homem, tanto mais aquella peccaminosa paixão fará sobre elle carregar o ferreo peso do seu sceptro.

Pessoas haverá de tendencias mais nobres e generosas, que olhando com solida reflexão para as variaveis scenas do mundo, não aspirem ao fastigio do poder e da grandeza. Outras se encontrarão que, despresando o que se obtém por meios vis e indecentes, se dedignem de queimar incensos no altar da prostituição e lisonja: — não poucas acharemos que, contentes com a sua situação, se opoñham com todas as forças a que a ambição e suas funestas consequencias venham priva-las dos bens da paz e tranquillidade, que só se logram na honesta mediania. Tudo isto será verdade, não o duvidâmos; mas segue-se d'aqui que o homem viva totalmente isento d'ambição? — O empenho com que elle procura o que lhe dá interesse, e os meios que emprega para o conseguir, dirigem-se ás vezes por vias tão occultas que é mui difícil ao curioso o descubri-las.

A natureza deu-nos o poderoso incentivo de desejarmos sobresair entre os demais homens, sem com tudo nos privar de tendencias virtuosas; — e deste modo, que grande recompensa não é para a alma nobre e generosa o ter a consciencia de que praticou um acto digno de prudente louvor?

A ambição não joga só com uma de nossas paixões — joga com todas; e como se encontram os mesmos desejos em muita quantidade de pessoas, quasi todas dotadas de diferente indole e constituição physisca, daqui vem que os seus modos de obrar variam infinitamente. — Um espirito activo, e no vigor da ambição, considera o remanso como um habito vergonhoso, e teme cahir na inercia se uma vez afrouxar da sua energia. O ponto está em que levado do nobre desejo de merecer honestos louvores elle se dedique a emprezas uteis e meritorias, porque se uma vez esses desejos degenerarem, triste sorte lhe reservam as suas perigosas e abjectas paixões. Acontece então o mesmo que á vegetação: — quando os ramos superiores d'uma arvore impedem o crescimento dos ramos inferiores, nem por isso deixam estes de vegetar, mas empregam a sua incessante energia em ganhar robustez pelo lado insímo do tronco. E com efeito, o homem que perturbando o mundo só com a mira no interesse proprio e mesquinho, apenas consegue os aplausos das turbas desvairadas em que não pôde achar estimulo algum honroso, é, na verdade, um ente bem infeliz. — Quão diversa, porem, é a sorte do que toma a virtude por norma das suas accções; do que firmado em principios nobres cura tanto de si como de sua patria e amigos; e do que appreciando os louvores, de que só a virtude se torna digna, despresa vãos elogios que não fazem echo em seu coração!

A ambição bem entendida deve reputar-se um sen-

timento louvavel, que habilita o homem a praticar actos de summa justiça e humanidade. O que é dotado pela natureza de genio e capacidade pôde fazer muito bem, ou muito mal, segundo as grandes crises porque o mundo commumente passa.

S. Lourenço Justiniano, fallando dos males que comsigo traz a desmedida ambição das cousas mundanas, expressa-se do seguinte modo no Tractado da perfeição da vida monastica e da vida solitaria (*), traduzido do latim pela infanta D. Catharina, filha d'elrei D. Duarte. — « Quem poderia contar [diz elle] quantos peccados procedem do amor desordenado das cousas temporaes? Delle vem odios não somente entre os estranhos, mas ainda entre os parentes e chegados; e aquelles que o atamento do amor por natureza os ajuntou, cubiça e amor de haver os aparta muitas vezes e faz estranhos. Deste desejo saem muitas vezes baralhas, arruidos, reixas, furtos, homicidios e roubos. Este encheu o coração de máus pensamentos, e acha conselhos para poder enganar seu proximo, mata o officio da humanidade e o bem da piedade, nem deixa haver o homem misericordia com o seu proximo, nem sabe amar o irmão, nem conhece os danos dos outros, porque com o proprio bem se alegra. — Este ama as cousas presentes, ajunta as temporaes, despresa as espirituales, porque não crê as cousas promettidas, nem espera as que hão de vir, e dando-se ás cousas da terra não pôde amar as do céu. Oh! quantos faz todos os dias perecer, quantos lança a se desviarem do caminho da patria celestial: cerra aqui os olhos de dentro, nem deixa que possamos antever o juizo que hade vir; promette vida prolongada, e que as cousas nos virão bemaventuradamente; e tirando do coração o cuidado de como se este corpo hade resolver, lança com cubiça a alma em o carcere eternal. — Esta coussa experimentou em si aquelle rico, que cuidando ajuntar muitas e boas cousas, e dispondo alargar seus celeiros, e usar das riquezas terreas por muitos annos, dizia entre si: — « Eis, alma minha, muitos bens ajuntados; repousa, come e bebe abundantemente. » Mas sendo ferido por divinal vingança, em a noute seguinte foi morto com grave tristeza: e por justo juizo de Deus foi feito que aquelle que se alegrava da só substancia temporal, em um momento perdesse juntamente bens temporaes e eternas. Porque digna coussa foi certamente que fosse ferido por tal sentença aquelle que se queria alegrar mais em a creatura que em o creador; porque não se deve amar o proveito do dom, mas o desejo do dador; por tanto foi julgado direitamente aquelle que enganado com vaã esperança se chegava ao amor das cousas temporaes. Porem quem se esforça tomar a alteza da perfeição, é necessario que lance de si a carga destas coussas que ligeiramente escorregam. »

Em quanto a educação, não nos cansaremos já mais de o repetir: — é mister procurar todos os meios de inspirar á mocidade sentimentos de virtude, dando-lhe noções exactas de justiça e honra. Deste modo não será facil destruir os salutares effeitos de tão solida doutrina por meios de corrupção, nem obrigar os homens a descerem da dignidade propria para commetterem vilezas. O interesse da religião e verdadeira philosophia insiste menos em extinguir as paixões do que em modifica-las dirigindo-as a fins uteis e decorosos. Depois de haverem estas mostrado ao joven piloto o círculo, dentro do qual lhe é permitido navegar; não é erro instiga-lo a que demande prestes o porto de salvamento. Se os naufragios e tempestades se oppozem á sua feliz derrota, pri-

(*) Edição de 1791, pelo P.^e Thomaz José d'Aquino, a pag. 41.

vando-o de arribar ás praias porque suspira, terá elle, ao menos, a consolação de dizer que as calamidades que o affligem não são devidas á sua incuria ou maldade, porem a successos extraordinarios, não cabendo na sua algada evita-los.

CLERIGOS SOLTEIROS E CASADOS.

Dos clérigos casados fallam mui largamente os sagrados canones e os seus commentadores e interpretes. No anno de 1352 fez passar elrei D. Affonso 4.^o uma gravissima carta circular, dirigida a todos os bispos do reino, sobre os crimes e excessos dos ecclesiasticos, e outros pontos que respeitavam á tranquillidade e reforma da igreja e republica. Na camara de Coimbra se conserva uma copia em publica forma, e supponho ser a unica que se acha fóra da torre do tombo, concorrendo a má vontade com que foi ouvida para não ser por muito tempo conservada. Neste religiosissimo alvará se prescreve o modo e formalidade como devem ser recebidos, perante o parochio e um tabellião, para que ao depois não possam os ditos clérigos negar o seu casamento, como muitas vezes faziam, recebendo clandestinamente clérigos e seculares sem receberem a benção do sacerdote, e por isso diz: — *Teemos que seera bem, e servjo de Deos e nosso, e prol do nosso povoo, que fagades, e ordinhanes que todos aquelles [clérigos] que forem casados, como leigos parescan perante o priol da egreja d'hu ssom ffreegueses, ou perante aquele que cura dessa egreja, e que se rreceban perante ele por pallavras de presente. E esse rrecebimento seja feito perante hñ tabelion que seja estabalecido em essa freguesia pera escrever esses rrecebimentos feitos por esse priol, ou clérigo. E que de aqui em diante mandedes que todos os rrecebimentos que sse fezerem em essas freguesias, seiam feitos por esse priol, ou clérigo perante o tabelion dessa freguesia, hu esses casamentos forem feitos.*

No foral que elrei D. Manuel deu á Piconha no anno de 1515 se declara que os clérigos solteiros pagão onze ceptis tres vezes no anno aos tempos acostumados. Por estes clérigos solteiros se entendem os que ainda estão d'ordens menores e não são casados, mas o podem ser, perdendo com tudo uma grande parte dos seus privilegios; e ainda quando a evidente necessidade obriga aos senhores bispos a que os admittam em habito clerical ao serviço dos templos: abuso que hoje se vai introduzindo, que o seculo estranha e que o poder superior poderia ter eliminado.

Segundo a Hespanha Sagrada, tom. 37, por clérigos casados não se entendem os de ordens sacras, e muito menos os sacerdotes. — Elrei Witisa mandando e constrangendo os sacerdotes a que se casassem chamou sobre as Hespanhas a ira de Deus, fazendo-as presa e ludibrio dos sarracenos. Continuou essa desordem até o rei D. Fruéla que começou a reinar na villa de Cangas, nas Asturias, no anno de 757, quando ainda a cidade de Oviedo se não tinha começado a fundar. Este prohibiu rigorosamente similhante abuso, sem que para isso ajuntasse algum concilio. E o céu parece favoreceu logo com assombrosas victorias contra os mouros uma acção tão catholica e tão conforme á santidade e pureza do sacerdotio. — *Elucidario do P.^o Viterbo, pag. 288.*

CIRCULAÇÃO DE DINHEIRO EM LONDRES.

SEGUNDO o relatorio da junta de circulação de dinheiro em Londres, os pagamentos que alli fazem

diariamente os banqueiros particulares montam a 7,000:000 de libras esterlinas; e como o que se recebe é quasi tanto como o que se paga, deve supor-se que em Londres se contam cada dia 14,000:000 de libras, que sommados por 310 dias, que tants são os em que se realizam transacções, dão a quantia de 2,185,500:000 de libras. (*) Para qualquer individuo contar um milhão de soberanos, moeda de ouro ingleza, que as recentes vicissitudes politicas fizaram muito conhecida em Portugal, é mister tres dias pelo menos. E, por tanto, se houvera elle só de distribuir aquella enorme quantia a devedores e credores, sem intervenção de banqueiros, o numero de pessoas que seria necessário para transportar este dinheiro ocuparia as ruas da referida capital; — e se a isto acrescentar-mos o que recebe e paga o banco de Inglaterra, não só por conta dos seus depositarios como á ordem do governo para pagamento dos juros da dívida nacional, rendas do estado &c., a indicada somma augmentaria incontestavelmente dez ou vinte vezes mais. Os banqueiros de Londres para evitarem, em grande parte, os inconvenientes que traria consigo tão vasta circulação de dinheiro estabeleceram o seguinte metodo: — Em quanto aos negociantes e corretores de cambio, acordaram em que fossem appresentadas as suas ordens de pagamento aos banqueiros respectivos só depois de findarem as horas destinadas para as transacções publicas do banco. — É então que juntando-se os caixeiros n'uma casa para isso reservada, e appresentando os saques de um banco sobre outro, pagam mutuamente a diferença em notas do banco d'Inglaterra, que se calcula em 200,000 libras sterlinas diárias — operação que não grande numero de individuos consegue dentro em curto espaço. A facilidade e presteza com que por este meio se faz a circulação de dinheiro em um paiz tão mercantil e opulento é verdadeiramente prodigiosa, e concorre muito para a extensão dos seus interesses commerciaes.

VICTORIA CONTRA OS HOLLANDEZES NA NOVA LUSITANIA.

PELOS annos de 1646 ardiam as guerras na província de Pernambuco entre os assertores da liberdade da mesma província e os hollandezes que tyrannicamente ocupavam boa parte della. Faltaram os vivos no Arrecife, praça capital do seu domínio, e foi preciso busca-los com mão armada. Embarcaram-se em vinte e sete lanchas seiscentos homens — quatrocentos hollandezes e duzentos indios, e fazendo pontarias a varias partes por desmentir espías, entrada a noite navegaram á vela e remo na volta do porto chamado Tejucupapo, defronte da povoação de S. Lourenço, com designio de passarem á espadada os moradores, e ás lanchas todos os mantimentos que achassem na terra, que era por extremo abundante. Com gentil ordem, formados em um lusido esquadrão, marcharam a toda a pressa; mas foi maior a com que um portuguez correu a dar aviso aos do lugar, e outro occulto pelos mattos lhe foi observando a marcha. Recolheram-se os nossos [que seriam pouco mais de noventa homens] com suas famílias e fazendas, e as armas e mantimentos que permitiu a brevidade, em um meio reducto cercado de uma grossa palissada que haviam prevenido para alguma occasião. Era sargento-mor da gente miliciana Agostinho Nunes, antigo e valoroso soldado. Ordenou que ficassem de fóra trinta mance-

(*) Supponha-se a libra a 4:000 réis, e ajuize-se quão prodigiosa é esta quantia.

bos escolhidos e praticos no paiz, com outras tantas espingardas, para, já de um, já de outro lado, baterem com furtivas e repetidas cargas os inimigos. Lançou-se bando que se passasse á espada sem remissão toda a mulher, de qualquer idade ou qualidade, que levantasse a voz em grito ou pranto: e com as armas nas mãos, sem fazerem algum rumor esperaram o combate tão animosos e resolutos, como se não pesassem a diferença que hia de seiscentos homens a sessenta: aquelles todos armados com bocas de fogo, e muitos destes sem armas de ferro. Chegaram os hollandezes mui seguros na facilidade da empreza, fiados igualmente no seu poder e no descuido dos nossos, e já o seu cabo principal com palavras arrogantes blasonava de vencedor, quando o soldado que lhe seguia a marcha, vendo que era tempo de romper o segredo que até alli observára, lhe disparou um mosquete, e com duas balas o lançou morto em terra. Mau annuncio para os seus, feliz para os nossos! Não desmaiaram porem, antes novamente irritados atacaram o reducto com impetuoso furor. Com o mesmo foram rebatidos, recebendo ao mesmo tempo uma carga dos trinta da emboscada, que fez nelles um fatal estrago. Cresceu com este a ira, e com esta o desejo da vingança; e segunda e terceira vez repetiram a invasão sempre com igual esforço, mas sempre com sucesso igual. Da ultima estiveram os nossos em risco manifesto, porque já não havia braços para tanta fadiga, e os inimigos revesados e furiosos chegaram a romper a estacada, e já a comejavam a penetrar, quando se viu alli uma maravilha de valor, quando menos se esperava. Acudiu aquella parte um bom numero de mulheres, e feitas em um corpo, pegando das armas que o furor lhes ministrou se oppuseram ao peso do inimigo com resolução tão briosa e destemida que os fizeram parar e retroceder, já muito diminuidos e cortados do nosso ferro e do seu temor. Accresceu um novo avanço dos trinta que os carregaram pelas costas, com que entregues á confusão e á desordem largaram as armas e o campo, e deixando mais de setenta mortos, levando muito maior numero de feridos, se acolheram precipitadamente ás lanchas. E posto que já cortavam os mares ao longe, ainda se não davam por seguros da furia dos portuguezes, e tambem das portuguezas, que causando novas invejas á antiga Roma se fizeram dignas de memoria immortal. — (*Ann. Hist.*)

DERROTA DOS HOLLANDEZES NA PRAÇA DO ARRECIFE.

No dia 11 de Março de 1646, sucedeua uma facção bastante gloriosa para as armas portuguezas. Divididos em varias estancias os assertores de Pernambuco bloqueavam a praça do Arrecife, dominada dos hollandezes, aos quaes por este modo impediam os frutos da campanha, e inquietavam com perpetuos rebates e contínuas invasões. Da estancia do famoso Henrique Dias recebiam maior damno, porque a vigilancia e velocidade dos seus pretos [clarissimos em valor e disciplina] lhe não deixavam hora nem lugar livres de perigo ou sobresalto. Em sua oposição levantaram os hollandezes um forte cingido de trincheiras de grossas tabuas, entulhado de fachina e terra, com outra circumvalação de páus a pique que fazia uma firme estacada, com o seu profundo fosso, e com cincoenta soldados de guarnição, cubertos da artilharia do Arrecife e de uma fortaleza chamada das cinco portas que descortinava o forte a tirro de mosquete. Intentou Henrique Dias ganhar e

arrasar este novo impedimento das suas operações, e ainda que o intento tocava de temerario, o seu grande coração venceu e facilitou todas as dificuldades, e quiz que a gloria desta illustre facção fosse toda dos seus, sem que algum dos brancos tivesse parte nella. Marcharam na noite deste dia, e cubertos do escuro chegaram ao forte sem serem sentidos, e avançando com maravilhosa promptidão saltaram o fosso e deram por terra com um lanço da estacada. Chamados do rebate accudiram os defensores com mais temor que acordo, e receberam duas furiosas cargas dos pretos, os quaes sem perderem tempo attackaram a segunda fortificação, e ganhada a trincheira investiram o forte, e apezar de vigorosa resistencia passaram á espada todo o presidio, menos quatro a que a industria e diligencia abriu caminho para escapar. — Morreram oito dos nossos, crescendo a dor desta perda por se entender que as balas dos companheiros se empregaram nelles por erro, a que dera occasião a estreiteza do logar e o escuro da noite. — Foi o forte arrasado, e foram recebidos no arraial os expugnadores com os aplausos e congratulações, que merecia uma facção tão bem sucedida e gloriosa. — (*Ann. Hist.*)

CLERIGOS D'ELREI OU DA RAINHA.

EM a nossa casa real houve *clerigos d'elrei: clerigos da rainha: — frades d'elrei: frades da rainha.* Por estes se entendiam ecclesiasticos muito graves, virtuosos e letrados, religiosos ou clérigos, de quem os soberanos se serviam em ministerios de muita honra e ponderação, como eram o seu *despacho, o expediente das suas graças e mercês, a escrevaninha da sua puridade, e a nota e escripta das suas doações,* ainda mesmo quando havia cancellarios. A estes sucederam os *desembargadores, secretarios, chanceleres e outros ministros.* — *Elucidario do P.^c Viterbo, pag. 287.*

Falsidade das historias humanas. — Que historiador ha, ou pôde haver, por mais diligente investigador que seja dos successos presentes, ou passados, que não escreva por informações? E que informações ha de homens que não vão involtas em muitos erros, ou da ignorancia ou da malicia? Que historiador ha de tão limpo coração, e tão inteiro amador da verdade, que o não incline só o respeito, a lisonja, a vingança, o odio, o amor, ou da sua ou da alheia nação, ou do seu ou do estranho principe? Quem quiser ver claramente a falsidade das historias humanas, lêa a mesma historia por diferentes escritores, e verá como se encontram, se contradizem e se implicam no mesmo sucesso, sendo infallivel que um só pôde dizer a verdade, e certo que nenhum a diz. — *VIEIRA. Historia do Futuro.*

A RODA que se pinta á fortuna deve de ser de engenho de nora, aonde os homens são alcatruzes, uns cheios, outros vazios, uns no fundo, outros no alto. — *D. Francisco Manuel.*

FAZER livros é tentação, e para muitos tão urgente, que ha pessoas que teem por tão preciso imprimir um livro, como passar em vida ou morte pelo buraco de Santiago. — *O mesmo A.*

Os ingratos tornam-se por accesso inimigos dos seus bemfeiteiros.